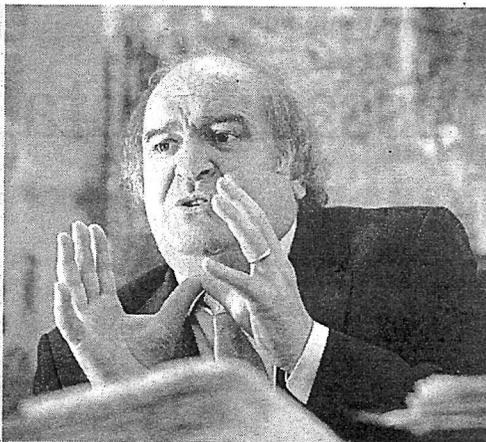
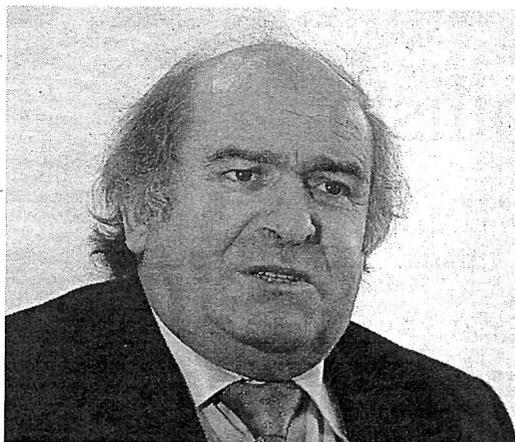


Entrevista Domingues Azevedo, presidente da Câmara de Técnicos Oficiais de Contas

"Não existe um aumento de impostos daqueles que já os pagavam"



Este Especial não estaria completo sem que o OP falasse com Domingues Azevedo, presidente da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas. Em entrevista, este responsável comenta a normalização contabilística europeia, o processo de Bolonha e o "excelente trabalho do director geral dos impostos". Domingues Azevedo afirma que não há um aumento de impostos daqueles que já os pagavam. Existe é pessoas que não os pagavam e agora pagam.

Sofia Abreu Silva

OPINIÃO PÚBLICA: Hoje, qual a missão e objectivos mais importantes da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas?

Domingues Azevedo: A Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas é uma pessoa colectiva pública e, como tal só pode ter como missão e objectivo a atingir aquele que é definido pelo legislador. Não estamos perante uma entidade privada em que, respeitados os parâmetros legais do seu enquadramento, gere de acordo com as suas próprias definições a sua missão. No caso do associativismo público, com especial relevo para o de regulação profissional, aquela missão é definida pelo legislador e não pelos profissionais ou dirigentes daquelas Instituições. Assim, conforme definido no respectivo Estatuto, de entre outras missões, compete à Câmara regular e disciplinar o exercício da profissão de Técnico Oficial de Contas.

Qual a responsabilidade dos TOC perante as dívidas fiscais das empresas?

Os TOC, como profissionais da Contabilidade e da Fiscalidade, são os manuseadores dos actos conducentes à determinação da capacidade contributiva de cidadãos e empresas. Num sistema democrático a participação cívica dos cidadãos na vida da sociedade em que se inserem, revela-se fundamental para a sustentação, di-

nâmica e ordenação dessa mesma sociedade. Os TOC, na determinação e quantificação daquela cidadania, representam um papel de credibilização, não só pela aplicação igualitária das obrigações fiscais, mas acima de tudo, funcionam como autêntico elo de credibilização das declarações entregues pelos contribuintes. É pois, perfeitamente natural que a sociedade organizada lhes reserve um papel importante no cumprimento dos deveres de cidadania dos entes a ela obrigados, papel que não é, nem pode ser de substituição do devedor originário, mas sim como acompanhador e incentivador do cumprimento daqueles deveres de cidadania. Cumprido aquele dever de diligência, não será o TOC responsabilizado por qualquer facto adveniente do acto tributário, nomeadamente o valor do próprio acto. Assim, o TOC nunca é responsável pelas dívidas fiscais das empresas, podendo incorrer em responsabilidade subsidiária e solidária, caso não cumpra com os seus deveres de diligência inerentes ao interesse público reconhecido à profissão.

O Processo de Bolonha está a ser concretizado no Ensino Superior e exige aos TOC um projecto de simulação empresarial ou estágio com patrono. Qual é a sua opinião?

A implementação do Processo de Bolonha em Portugal, pela mudança radical que irá operar não só nos métodos tradicionais de ministração de conhecimentos, mas também e acima de tudo na nossa mentalidade sobre o Ensino Superior, constitui uma verdadeira revolução no nosso ensino. É um processo de indiscutíveis virtudes, mas tem pontos menos bons que devem ser bem analisados e fazer-se um esforço para se atenuar os seus efeitos negativos. É desde logo um processo que exige mudanças radicais para enfrentar a responsabilidade que, no processo, cabe a cada um dos intervenientes: escola, docência, alunos e sociedade em geral.

Com Bolonha não se ministram conhecimentos, acompanha-se e orienta-se a realidade que os alunos vão descobrindo através do estudo, da observação da realidade que o rodeia, do contacto com a realidade específica para que se prepara e da orientação do próprio professor. Ora o estágio,

na nossa concepção tradicional, é uma espécie de antecâmara para a vida activa, um espaço de tempo em que se propicia a aplicação prática do que se aprendeu com a teoria. Para efeitos de inscrição na CTOC, já desde 2003 que se exige, de entre outras coisas, um estágio tradicional, curricular ou simulação empresarial, no sentido de propiciar aos futuros profissionais o contacto com a realidade concreta da profissão. Atenta às alterações que Bolonha aportará aos futuros profissionais, num futuro próximo teremos de equacionar a continuação ou não daquele estágio.

Neste momento assiste-se à normalização contabilística em termos europeus. Como está a decorrer o processo?

A normalização é um processo conducente à definição de enquadramentos homogéneos sobre determinadas questões. Na medida em que homogeneizar possibilita a criação de ideias e conceitos iguais em espaços físicos diferentes, a normalização é positiva. Mas, todos sabemos que a orientação daquelas definições e ideias não é inocente e, normalmente, envolve interesses muito elevados. A definição de um custo ou proveito, tem normalmente associado a si a definição da saúde económica das empresas e, consequentemente, pela importância que tal facto tem nas movimentações bolsistas, é alvo de elevados interesses. A normalização europeia, mal com que nos devemos começar a habituar a viver, sofre, mais por inoperância neste domínio da Europa e menos pela falta de Técnicos que elaborem aqueles documentos, o que, a curto prazo, pode tornar a economia europeia subserviente da economia americana.

Qual a relação entre o aumento das receitas de IVA, IRS e IRC e a crise da economia Portuguesa?

Na verdade parece que estamos perante um paradoxo. Como é que num período de crise na economia portuguesa os impostos aumentam? Sendo o IVA um imposto sobre o consumo, cujo aumento resulta do aumento das compras por parte dos cidadãos, mas se eles, por efeito da crise têm menos dinheiro, então deveriam era comprar menos.

Sendo o IRC um imposto sobre os lu-

Na verdade parece que estamos perante um paradoxo. Como é que num período de crise na economia portuguesa os impostos aumentam? Sendo o IVA um imposto sobre o consumo, cujo aumento resulta do aumento das compras por parte dos cidadãos, mas se eles, por efeito da crise têm menos dinheiro, então deveriam era comprar menos.

ros das empresas, estando estas em crise não ganham dinheiro, pelo que não o ganhando, não deveriam ter lucros, mas sim prejuízos. E como é que os cidadãos, cada vez com maior desemprego, e sendo o IRS fundamentalmente proveniente do trabalho por conta de outrem, pagam mais IRS do que aquele que pagavam? Este aparente fenómeno é bem elucidativo da nossa realidade tributária. Não se paga mais IRS, IRC ou IVA. Existe é situações e pessoas que nunca pagavam estes impostos e agora por efeito de um maior controlo, da responsabilização dos Técnicos Oficiais de Contas, de uma maior interacção dos serviços de Inspeção e Prevenção Tributária, acabam por ser apanhados na malha do incumprimento. Isto é, não existe um aumento de impostos para aqueles que já os pagavam, existe é pessoas que andavam por fora do sistema obrigacional e, pelas mais diversas razões, acabaram por nele ser integradas.

O Director Geral dos Impostos, Paulo Macedo, tem sido muito elogiado pela sua acção. Partilha dessas opiniões?

É publicamente conhecido o meu pensamento sobre o trabalho desenvolvido pelo Dr. Paulo Macedo à frente da Direcção Geral dos Impostos. Acho que tem feito um excelente trabalho. Devolveu aos colaboradores da DGCI o orgulho de trabalharem naquela Instituição e essa é a maior de todas as motivações. Tem uma concepção de funcionalidade que preencheu um enorme conjunto de necessidades de gestão do sistema fiscal e, diga-se em abono da verdade, com o apoio dos TOC através da desmaterialização das declarações fiscais, criou-se uma nova realidade informativa na gestão dos impostos, possibilitando um conjunto de informação selectiva, fundamental não só para a tomada de decisão, mas também e acima de tudo, de controlo dos faltosos das suas obrigações fiscais. O que antigamente levava meses a conseguir, agora está ao alcance de uma tecla de computador. Sorte, dizem alguns, pois era todo um trabalho que estava em preparação. Talvez, digo eu, mas até quando se tem sorte é preciso saber aproveitar-la, pois a muitos ela bate-lhe à porta e incrédulos ou outra coisa, não a sabem aproveitar.